

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 66500; Estrangeiro, 6 meses 102500
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2335

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TERÇA FEIRA, 13 DE JULHO DE 1925

Onde está a unidade de vistas do exército? E qual é o pensamento da revolução?

Pelas declarações que o presidente do novo governo fez ontem no acto da posse dos ministros dos Estrangeiros e do Interior, verifica-se que, afinal, a despeito dos boatos e de certos factos insignificantes, como a fixação de residência do general Gomes da Costa nos Açores, tudo vai bem e não há motivo para alarmes.

E' certo que o general Carmona declarou que se conspirava para aí, irritando os espíritos, temendo-se que ela conseguisse arremessar os sargentos contra os oficiais. Mas a unidade do exército é absoluta e a sua unidade de vistas neste momento, perfeita.

O novo ministério, ainda segundo a expressão do mesmo senhor, está apto a executar o pensamento da revolução de 28 de Maio. Acreditamos plenamente—tanto mais que desconhecendo nós em que consiste o pensamento dessa revolução, nunca nos atreveríamos a duvidar das afirmações de sua excelência.

Apenas nos atrevemos, delicadamente, tão delicadamente que a censura quedará maravilhada com a nossa gentileza, a perguntar o que é o pensamento da revolução de 28 de Maio.

Sim, o que é o pensamento da revolução? Há mais de um mês que o país espera ansioso que lhe digam, o que é o pensamento da revolução.

Nós estávamos convencidos de que a revolução não tinha pensamento. Mas surgiu tanta gente a afirmar o contrário, que sim, que havia um pensamento—que resolvemos procurá-lo por toda a parte na doce esperança de encontrá-lo.

Depois... já três chefes se sucederam após a eclosão do movimento que não chegaram a enunciar outros propósitos que fossem os de salvar a Pátria... Mas salvar a Pátria não é um pensamento—é, quando muito, uma intenção. Dos três chefes, todos eles saídos da mesma revolução, todos eles componentes do mesmo exército que, segundo as recentes afirmações oficiais, está unido como um só homem, cada um agiu como lhe aprouve, dois foram destituídos e nenhum, que se saiba, mostrou às gentes ignaras qual era o pensamento.

Pelas obras podem conhecer-se os pensamentos das pessoas, das classes, ou das corporações. E qual tem sido a obra deste exército triunfante, uno e indivisível? Fragmentária e nula, quando não prejudicial. Tão prejudicial que cada governo que sobe

Notas & Comentários

Uma folha que se publica por aí e se intitula abusivamente órgão da U. A. P., permitiu-se atingir a redacção da Batalha com alguns insultos, aos quais não responderíamos, se não fosse a consideração que nos merecem as pessoas de boa fé que porventura os lessem. Entre outras sandices acusaram os jornalistas colaboradores das folhas de propaganda que a Batalha edita, de comilões que escrevem na razão directa das notas que recebem. Temos pelos escrevinhadores dos insultos o máximo desprezo. Estamos certos de que todas as pessoas que conhecem os jornalistas profissionais, que alião à sua profissão a sua qualidade de idealistas, escrevendo com amor e carinho, embora pouco recebendo pelo que escrevem porque de outra profissão não vivem, sabem que o ataque feito no papelinho rancoroso visa apenas ao deserdado de pessoas limpas e probas que por o serem não merecem as simpatias das canalhas que os insultam. E basta, por agora.



Um caso comovente

Edmundo José Carlos Vaz, militar que há sete anos se encontra preso pelo delicto de deserção, actualmente internado no hospital da Estrela, enviou-nos num saquinho, acompanhado de uma carta comovente, uma pequena quantia—não chega a dois escudos—em moedas de cobre e níquel, para auxiliar a manutenção da Batalha. Estas eram

anula a obra do governo que tomou. E' claro que todos estes factos provam—não temos relutância em afirmá-lo—a perfeita união do exército, a sua competência governativa e talvez a existência do pensamento que deve ser perfeito e inabalável como a sua obra...

No presente momento a situação está normalizada. O exército armado nada receia. Não teme os ataques dos políticos nem as críticas da imprensa. Porque se mantém, então, a censura e o estado de sítio? Para quê tantas precauções? Para conjurar um perigo que o próprio exército diz não existir.

Vê toda a gente que ele está unido, firme como bloco? Um pensamento único liga todos os oficiais indissoluvelmente. Falta-nos saber apenas esta cousa insignificante: em que consiste esse pensamento.

Chega-se uma pessoa junto de qualquer pessoa oficial e pergunta-lhe delicadamente:

—V. Ex.ª quer fazer-nos o favor de nos dizer qual é o pensamento da revolução?

E ele sorridente acode:

—Não posso dizer-lho. Limito-me a obedecer à 1.ª divisão.

Ou então:

—Estou às ordens do sr. ministro da Guerra.

Ninguém nos dá uma resposta concreta.

Gratifica-se bem a pessoa que nos indicou o paradeiro do pensamento da última revolução.

Desistimos, porém, do nosso intento porque a censura, julgando que nós pretendíamos mangar com a tropa e ainda porque não nos permite anúncios na primeira página, mostraria ao leitor um espaço mudo e branco como uma parede.

Só uma resolução nos resta, imposta pelas circunstâncias: esperar que o pensamento nos apareça espontâneo, claro e nítido, sem que persistamos no fatigante trabalho de procurá-lo.

Lêdo o Suplemento de A BATALHA

Assinar

"Os Mistérios do Povo"

Um devoto da Senhora da Agonia que lança impostos a operários

Domingos Cruz, o «Cão de Arame», mestre de obras e, como tal, dirige uma obra na avenida 5 de Outubro, junto ao Mercado Geral de Gados.

O Cruz é devoto da Senhora da Agonia, em cuja honra se vão realizar umas festas de estrondo na cidade de Viana do Castelo. Nestas festanças sorteia-se um touro, fazendo-se, com esse intento, uma lotaria de rifas.

Para as festas da Senhora da Agonia foi nomeado juiz mestre Cruz, que muito sabe de direito, como vai ver-se.

No sábado último, mestre Cruz, ao pagar as férias, lançou um imposto aos operários da obra. Nada menos do que quinze rifas, a um escudo cada, eram os operários obrigados a adquirir.

E' claro, e outra coisa não se deveria ter feito, a maior parte dos operários recusou o pagamento do pesado imposto, enquanto um pequeno número condescendia em adquirir duas ou três rifas.

Mestre Cruz ficou de mau humor e repondeu que, ou se adquiria tudo ou nada. Lá vendeu, no entanto, as rifas pedidas e suspendeu, aqueles que se recusavam a pagar uma só que o juiz quisesse impingir. Que tal está o mestre?

A gréve mineira

O subsídio russo

LONDRES, 12.—Está averiguado que os mineiros ingleses continuam a receber largos subsídios dos seus camaradas russos.

A última remessa foi de 600.000 libras.

talvez as economias do pobre soldado, vendido, esmagado pelo sofrimento de sete anos. Quantos mais abonados não seriam capazes de imitar a gesto de Edmundo Vaz. Dou-nos a consciência aceitar este dinheiro das mãos de quem decerto necessita mais de auxílio do que a Batalha, que de tanto auxílio precisa.

Querera alguns leitores prestar auxílio a este homem?

PELOS HOSPITAIS CIVIS

Para que a classe de enfermagem conquiste a posição a que tem direito, é necessário que as suas reclamações sejam integralmente atendidas

Umas das maiores sumidades médicas do nosso país, cientista muito viajado e que à cura da tuberculose tem dado o melhor do seu esclarecido espírito, divagando sobre os serviços hospitalares dos outros países, dizia-nos há tempos o seguinte:

—A melhor enfermagem do mundo é hoje considerada pela seguinte ordem cronológica: suíça, inglesa e portuguesa.

Para esclarecer a sua opinião, o ilustre médico acrescentou:

—A pesar da enfermagem portuguesa ocupar o terceiro lugar, ela é de todas a mais rica de iniciativa. Quando o enfermeiro português possui uma cultura mais ampla, a enfermagem portuguesa poderá alcançar o lugar que hoje pertence à suíça.

Assim será. Quando o enfermeiro português atingir um outro grau de cultura poderemos orgulhar-nos de possuir a enfermagem mais perfeita.

Para conseguir esse desideratum, a enfermagem do nosso país já hoje reúne requisitos muito apreciáveis: sentimento de afectividade, carinho, abnegação e grande poder discriminativo.

O enfermeiro também possui, como vimos nos últimos artigos, uma mediana cultura que a Escola Profissional prodigaliza. Resta agora que os conhecimentos pedagógicos desse estabelecimento façam do enfermeiro um profissional competente, tão competente como é o seu confrade suíço.

A classe de enfermagem procura conseguir essa capacidade. O enfermeiro hoje, por intermédio da sua associação de classe, estuda todos os problemas que dizem respeito à sua carreira profissional.

De harmonia com esse estudo, às entidades competentes têm sido endereçadas algumas reclamações. Uma dessas reclamações, que merece destaque neste artigo, é a seguinte:

«Que no 2.º ano da Escola Profissional de Enfermagem seja administrado o ensino de obstetrícia (partos) às enfermeiras, ficando estas legalmente habilitadas a exercer o mister de parteiras».

Os impetrantes justificam assim os seus desejos:

A falta de parteiras em alguns hospitais determina que as parturientes sejam assistidas apenas por enfermeiras. Devido a esse facto as enfermeiras adquirem uma soma considerável de conhecimentos que as habilita à profissão de parteiras.

Logo, se a enfermeira no hospital pode desempenhar as funções de parteira, para o que não lhe falta competência e tirocinio, porque é que fora dos hospitais a mesma parteira não poderá assistir os partos?

Parece-nos que tudo isto se conseguiria dando a Escola capacidade legal às enfermeiras, com conhecimentos de obstetrícia,

os últimos acontecimentos

Tomaram ontem posse os novos ministros dos Estrangeiros e do Interior

Os ministérios saídos desta situação militar têm tido a duração poética das rosas de Malherbe. O Terreiro do Paço a única obra consistente que até agora nos tem dado a entrada de ministros que saem vertiginosamente para darem lugar a outros cuja data de saída não é, como é de prever, marcada com antecipação...

Ontem tomaram posse mais dois ministros novos: o dos Estrangeiros e do Interior. O general Carmona discursou no empossamento de ambos. Sobre o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, que ficou com a pasta dos Estrangeiros, afirmou que ele estava integrado no conjunto de homens que constituem o actual governo, que considerou ser um bloco unido que marcha equitativamente, um quadrado sagrado que só baqueará em condições extraordinárias que salvará o país «do plano inclinado em que o colocaram». Disse ainda no mesmo tom uma ou duas centenas de palavras, averiguando-se no fim que o sr. Bettencourt não conhecia os seus colegas do «quadrado sagrado» pelo que se fizeram apresentações. Não se conheciam, mas têm o mesmo pensamento...

O sr. dr. Bettencourt Rodrigues disse que podia contar com ele, que gostava de pertencer ao «bloco sagrado», etc., etc.

O novo ministro do Interior é o sr. dr. Ribeiro Castanho, auditor dos tribunais militares. O general Alves Pedrosa fez, no acto da posse daquele ministro, estas graves declarações:

«Todos os dias nos chegam informações de que se conspira. Sabemos que se pretende insubordinar sargentos contra os seus oficiais. Ora esta situação não se pode manter. Por maior que seja o desejo de trabalhar, de que estão animados os membros do governo, ninguém pode realizar obra útil, com a preocupação constante do problema da ordem pública».

O novo ministro respondeu, corroborando, deste modo, as afirmações do general Pedrosa:

«Vivemos numa atmosfera irrespirável. Chegamos boatos—e com certo fundamento—de que se conspira. Pois bem: pronunciam-se sem demora as pessoas que tiverem de se pronunciar».

Ou eles, ou nós. Se forem eles, vamos-nos embora, deixando o encargo de governar a quem vier. Se formos nós, havemos de levar até ao fim, sem que nos propomos realizar. Anima-nos a todos o pensamento da revolução nacional de 28 de Maio. No actual governo, tal como está constituído, não há divergências, não há desunião. Existe, mais forte do que nunca, a coesão ministerial e isso representa a melhor ga-

para exercerem livremente a profissão de parteira.

Uma outra reclamação, e não menos importante do que aquela, foi apresentada pelos enfermeiros e que consta do seguinte:

«A proibição do exercício da profissão aos indivíduos que não tenham o diploma profissional e a regulamentação da profissão, indo até em casos graves à anulação do diploma, com o fim de acabar com o vexame de se classificar os enfermeiros como curandeiros».

«Que se façam com mais urgência os concursos e promoções na classe de enfermagem, pois que havendo vagas e não se fazendo os concursos esse facto acarreta um grande prejuizo nos vencimentos. As vagas são preenchidas metade por antiguidade e outra metade por concurso. Mas não se poderiam fazer as promoções por antiguidade?»

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu âmbito e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higienicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Se os hospitais não podem dar uma sadia alimentação e um quarto para o repouso, então seja concedido o externato às enfermeiras. A algumas não convém o externato porque não têm família? Por esse motivo o externato deve ser voluntário.

O hospital gasta com a alimentação mais do que é descontado a uma enfermeira nos seus vencimentos para comedorias que ela não come.

A enfermeira inglesa não lhe é fornecida alimentação igual nem quartos tão insalubres.

A enfermeira inglesa goza outras prerrogativas, por isso ela é hoje considerada em todo o mundo.

Porque não se ha-de prodigalizar a enfermeira portuguesa o mesmo ambiente, se ela já marca um lugar de destaque entre a enfermagem mundial?

Porque é que não se ha-de conceder o externato voluntário à enfermeira em geral, se hoje algumas dessas graciosas empregadas já disfrutam tal regalia?

Estamos certos que o ilustre director dos hospitais, dr. João Pais de Vasconcelos, entre todas estas reclamações que estão ao seu alcance, atenderá a reclamação das enfermeiras, dando-lhes o externato.

Mas há mais reclamações. Amanhã veremos, em última análise aos serviços hospitalares, as que dizem respeito às criadas.

rantia do cumprimento dum programa de salvação nacional.

O conselho de ministros de ontem ocupou-se da questão dos tabacos

O conselho de ministros reuniu ontem na secretaria das Colónias durante a sessão desde as 12 até às 15 horas. O conselho de ministros examinou a questão dos tabacos, considerando a liberdade de fabrico e de consumo. Ocupou-se da situação material do general Gomes da Costa e tratou do programa do governo, seguindo a orientação, já conhecida, dos princípios em que se baseou o movimento militar de 28 de Maio. Ainda se ocupou da modificação do sistema tributário.

Os agentes de emigração contra o tenente Viegas Lata

Informam da Arcada:

Os agentes dos serviços de emigração, constando-lhes que o ex-agente sr. Viegas Lata pedira um lugar dentro da organização dos serviços de emigração compatível com a sua categoria de oficial do exército, vão entregar hoje uma representação ao ministro do Interior pedindo que, por motivos de ordem moral aquele pedido não seja deferido.

Os subsídios na Armada

Vai ser publicado um decreto alterando os subsídios de embarque dos oficiais e sargentos da Armada. Os novos subsídios são fixados a partir de 1 do corrente.

O crepúsculo dos deuses...

Pelo ministério da Guerra foi ontem expedido a todos os comandos militares do país o seguinte rádio:

«Ex.ª ministro manda comunicar v. ex.ª que, em consequência informações oficiais sobre estranho procedimento ex.ª general Gomes da Costa, que, com afirmações menos verdadeiras, tentou na manhã nove corrente insubordinar sargentos e soldados contra seus oficiais, verificando-se com esses e outros actos, a perturbação de espírito de s. ex.ª, desorientado pelos maus conselhos de políticos que o rodeavam e isolavam dos seus leais cooperadores, o conselho de ministros se viu forçado a ordenar a marcha imediata de s. ex.ª para Angra do Heroísmo, para onde seguiu a bordo do cruzador Carvalho Araújo».

Nesse conselho, que não esquece altos serviços prestados Pátria e República por s. ex.ª, é o primeiro a lamentar esta medida, imposta pela necessidade absoluta de assegurar tranquilidade, perturbada pela presença e actos de s. ex.ª.

Governo República espera que todo o país facilite obra patriótica que se quer realizar aguardando com calma, medidas que para serem eficazes, não podem ser tomadas precipitadamente.

Exército, Marinha e Guarda Republicana continuam estreitamente unidos para garantir ao ministério a realização do ideal e programa do movimento».

Copiando o odioso figurino democrático

Continua-se prendendo e perseguindo injustificadamente operários conscientes

Os democráticos conquistaram, pelas suas violências e corrupção, a antipatia de todo o país—e foi essa antipatia quem derrubou António Maria da Silva do Terreiro do Paço. De tal modo, esse político porfiou nos processos tantas vezes aplaudidos nos congressos do P. R. P. que eles ficaram conhecidos por «processos democráticos».

Ora um dos processos mais ignóbeis dos governos democráticos consistia na perseguição continua, insistente, a todos os elementos operários—e a todos aqueles operários conscientes que outro crime não cometem senão o de trabalhar, fora das horas das suas ocupações, na organização operária, com o mesmo direito que assiste aos que se encontram filiados nos centros políticos e nas associações patronais. Pois a actual situação, nascida dum movimento geral e unânime de repulsa contra o Partido Democrático, parece ter herdado os mesmos processos, esquecendo-se assim de que podem incorrer no mesmo desaire que vitimou os seus adversários de ontem.

Em todo o país começa-se a sentir, muito naturalmente, e nesse ponto não existe erro de visão a impressão que a substituição feita em 28 de Maio se realizou apenas nos nomes—visto que os hábitos, os hábitos perniciosos, se conservam intactos. Ora isso revela um mau tacto político, uma ignorância crassa duma verdade comensal, segundo a qual as mesmas causas engendram sempre, inevitavelmente, os mesmos efeitos.

Prenderam-se ultimamente cerca de trinta e um operários que nenhum delicto haviam praticado e sobre os quais não existia, concretamente, a mínima acusação. Alguns deles foram postos em liberdade, mas outros ficaram afeitos nos imundíssimos calabouços do governo civil, quando todos eles estavam completamente isentos de culpas. Mas, as perseguições não ficaram por aqui: a polícia continua procurando avidamente todos os elementos operários na ânsia feroz de os prender.

Os que foram presos e aqueles a quem se pretende prender são, segundo lemos nas notas dimanadas da polícia e publicadas nos jornais burgueses, acusados de agitadores. Mas, agitadores de quê? Foram eles quem fez o 28 de Maio, quem derrubou Mendes Cabeçadas, quem destronou Gomes da Costa, quem cons-

pira para deitar abaixo o general Carmona? Todas estas agitações têm sido feitas, como é do conhecimento público, pela tropa—e os operários são, como toda a gente sabe, civis, civis que não frequentam casernas mas oficinas, com a agravante de que utilidade destas últimas não pode ser negada por aquelas.

Os operários presos têm, na sua maioria, cadastro, não há dúvida. Têm-no, não porque tenham incorrido nas sanções do código, mas sim porque não conseguiram evitar ser atingidos, várias vezes, pela violência inqualificável de serem roubados ao convívio de suas famílias e ao trabalho com que angariavam seus meios de subsistência. Essas prisões foram efectuadas por polícias que tinham autênticos cadastros por delictos infamantes—e isso mesmo o reconheceu a actual situação, dissolvendo a P. S. E.

Não se justifica que as mesmas pessoas que dissolveram aquele organismo policial, devido às arbitrariedades e violências que praticou esteja a perseguir aqueles que delas foram vítimas.

E' preciso que acabe duma vez para sempre o critério adoptado pelos democráticos, segundo o qual os operários devem ser carne de calabouço, devem viver em continúo sobressalto, sob o odioso regime de liberdade provisória. Esse critério que ajudou bastante a deitar abaixo os democráticos—é um critério duplamente infame.

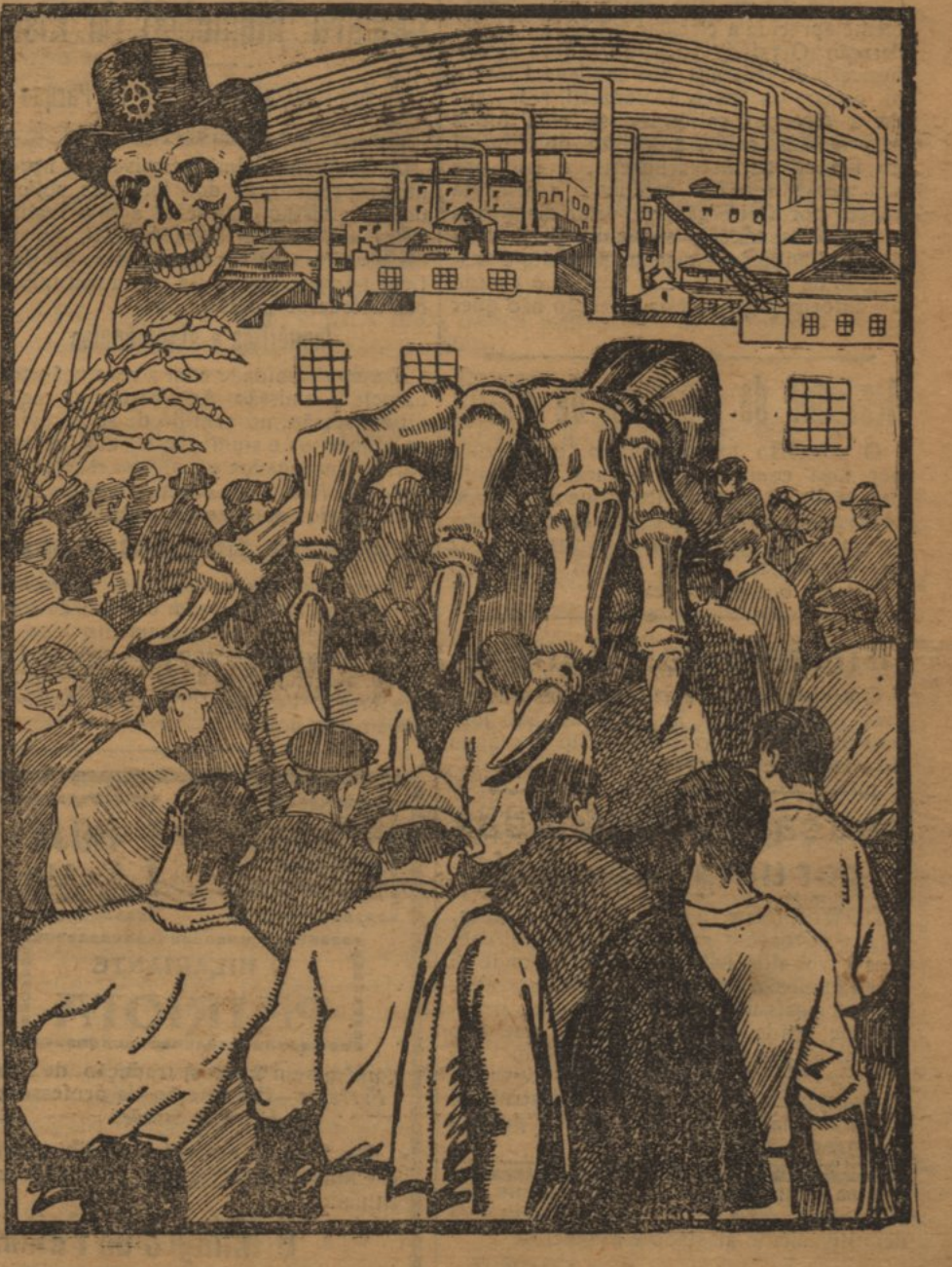
Em primeiro lugar prender um operário e reconhecer depois que ele nenhum delicto praticou, fabricando com essas iníquas prisões um cadastro, é uma iniquidade tremenda e monstruosa. A actual situação militar prendendo os indivíduos que sob o consulado democrático passaram meses em calabouços perfiou e sancionou essa iniquidade, o que deve causar grande aplauso e grande regozijo, por parte dos partidários de António Maria da Silva.

Em segundo lugar prender indivíduos só porque eles em tempos foram presos é estabelecer o critério de que quem entrou pela primeira vez num calabouço, nunca de lá deve sair. Este critério só pode ser pernilhado por criaturas cuja existência em certos lugares se torna altamente perniciosa à sociedade.

Por todas estas razões lavramos indignadamente o nosso protesto contra as prisões e perseguições que se estão praticando contra todos os operários conscientes.

ASSINEM

Os Mistérios do Povo



Vão realizar-se em Évora touradas de morte

EVORA, 9. — Évora, a *catedral do silêncio*, como lhe chamou um poeta, vai assistir a um ruído espectacular, bárbaro e anti-civilizador, impróprio do século. A data marcada para a realização do espectáculo, é o dia 25 ou 29 do corrente, segundo se diz, algo em segredo.

Os organizadores da corrida são burgueses, como não podia deixar de ser, e a receita líquida — o total não, porque eles não podem perder — destina-se às casas de caridade de Évora, assim como os animais abatidos na praça.

Como se vê para a realização duma barbaridade, atira-se aos olhos dos ignorantes com o rótulo filantrópico para assim conseguirem alguns escudos que serão entregues às casas de beneficência em nome dos organizadores da corrida. E esta é a filantropia e a generosidade dos homens de dinheiro desta terra. Este género de espectáculo é uma pretensão muito antiga de um grupo de lavradores. Tóros de morte em Évora! E' progresso, — dizem os admiradores de tal espectáculo.

Na verdade a *catedral do silêncio* proude... para as épocas bárbaras.

Uma sessão de protesto contra o bárbaro espectáculo

No dia 7 do corrente, efectuou-se, na U. S. O., uma sessão de protesto, usando da palavra vários camaradas. Foram debatidos vários assuntos, entre eles o estado político actual e as deportações de operários. Discutiu-se a realização de touradas de morte em Évora, tendo ficado nomeada uma comissão que se avistou no dia seguinte com o governador civil, protestando contra a realização da tourada. — C.

Um protesto contra a ignóbil selvageria dos touros de morte

Os engenheiros A. R. Silva Junior e George Potier, em nome do conselho directivo da Liga de Defesa dos Animais, foram entregar ontem ao sr. ministro do Interior uma larga representação contra a realização anunciada em Évora para 25 do corrente duma tourada à espanhola em que se pretende fazer succumbir praça pública um burro completo.

Nessa representação igualmente se protesta contra a tentativa que está a organizar-se em Lisboa para o mesmo fim, o que seria retroceder a civilização para tempos idos de ferocidade e crueldade que são incompatíveis com o sentimento nacional e a cultura do mundo, na época presente.

A Liga anuncia que apresentará brevemente um projecto de lei para regular estes baixos espectáculos, enquanto se não consegue abolir de todos e no qual se propõem o imediato encerramento das escolas de toureiros com inscrição de menores e o que é abominável e contrário às leis de protecção a menores e ao que sobre moral e pedagogia vigora no país.

Nesta representação cita-se que a Inglaterra aboliu há tempo os combates de galos e também com a França e outros países o «Tiro aos Pombos» e que na própria Espanha, se estão determinando profundas medidas no regulamento das touradas, a fim de fazer desaparecer todo o seu aspecto desumano e bárbaro, que tanto mancha a cultura do país vizinho, não sendo pois admissível que seja, na Europa, Portugal o único país que em vez de avançar tenta retroceder.

A todas as delegações da Liga no país e colónias foi enviada cópia da reclamação apresentada.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$30
A peste religiosa..... \$40
A Liberdade..... \$50
A Internacional (música e letra)..... \$30
Pedidos à A BATALHA ou no Café do Sodré, 82

Sacco e Vanzetti

Foi aprovada pelo Sindicato Único da Construção Civil uma moção de protesto contra a confirmação da sentença de morte a Sacco e Vanzetti decretada pela justiça norte-americana.

Reuniu a direcção do Sindicato dos Operários Aliados estando representado o Conselho Fiscal, que entre outro expediente apreciou a circular n.º 59 da Confederação Geral do Trabalho, sobre a confirmação da sentença que condena a morte os camaradas Sacco e Vanzetti, resolvendo a direcção solidarizar-se com todos os protestos contra a decisão do tribunal do Estado de Massachusetts, e isto, por não poder realizar nenhuma assembleia magna, por a direcção não estar disposta a realizar assembleias, enquanto perdurar a ditadura militar e consequentemente a suspensão de garantias, que implica o pedido de autorização, que esta direcção não quer fazer.

Academia de Amadores de Música

O concerto extraordinário, promovido por uma comissão de alunos, marcado para o dia 10 do corrente o que não pôde efectuar-se em consequência da suspensão de garantias, realizar-se-á amanhã, às 22 horas prefixas, com o mesmo magnífico programa, que já publicamos.

Silvério dos Santos

O camarada Silvério dos Santos que estava internado no hospital de São José passou para a enfermaria de São Fernando do hospital do Desterro.

200 casas destruídas por uma explosão

DOWER (New Jersey), 12. — As cidades, vilas e povoações num raio de 24 quilómetros à volta de Lark Damemark, onde se deu a explosão do arsenal, estão marcadas com os sinais de contínuas explosões, pedregal de madeira, pedras, etc., que são arrastadas pela violência da explosão.

Cerca de 200 casas que envolviam o arsenal ficaram completamente destruídas, tendo a Cruz Vermelha americana partido em socorro dos feridos.

alguma tentativa surtir efeito, mesmo que se salvem o rei e a monarquia, Rivera será definitivamente afastado e esgoicido.

loc. LUCICH

A imprensa

entregou ontem ao ministro da Justiça uma reclamação contra a nova lei que limita o seu exercício

Ontem à tarde uma comissão delegada dos jornais de Lisboa entregou ao ministro da Justiça uma exposição que, por ser muito extensa, não podemos inserir na íntegra. Nela se reclama a alteração à lei de imprensa ultimamente publicada e que termina, em síntese, da seguinte forma:

Em conclusão, vimos pedir a v. ex.ª as seguintes alterações da lei:

Artigo 4.º. As palavras «imposta ao proprietário, ao editor e ao dono do estabelecimento» substituídas pelas seguintes: «imposta ao editor e na sua falta ao proprietário e na falta de ambos ao dono do estabelecimento».

Art. 4.º § único. Eliminado.

Art. 10.º. Substituir as palavras «boatos ou informações manifestamente falsas e susceptíveis pela sua gravidade», etc.; as palavras «linguagem despejada» por «linguagem escandalosamente despejada».

Art. 11.º. Eliminar «o art. 137.º».

Art. 16.º. § 3.º. Eliminar as palavras «e qualquer ministro diplomático de nação estrangeira».

Art. 17.º. § 1.º. Eliminar a.

Art. 20.º. Eliminar as palavras «salvo nos casos do art. 10.º».

Art. 22.º. Eliminar as palavras «e o estabelecimento onde tiver sido feita a impressão».

Art. 27.º. Eliminar tudo o que respeita a tribunais colectivos e nos artigos seguintes fazer as modificações seguintes:

Art. 53.º § 3.º. Substituir a palavra «lugar» por «página» e as palavras «a extensão desta» para o dobro do espaço ocupado pela difamação ou mil lei de imprensa.

Art. 54.º § 2.º. Eliminar as palavras «e o periódico será suspenso por dois meses».

Finalmente pedem os directores dos jornais de Lisboa que os artigos da lei sejam ordenados por materiais e agrupados em capítulos, de modo que se torne fácil a sua consulta pela metódica ordenação da matéria.

Pelo dr. sr. Fidelino da Costa, como redactor principal de *O Mundo*, foi apresentada a seguinte declaração de voto:

Quanto à referência que nesta exposição se faz no tocante à inclusão do artigo 137.º do Código Penal, no artigo 11.º do Decreto, e em que se solicita a sua eliminação, tenho a esclarecer o meu voto nos seguintes termos:

Aos ministros de qualquer religião foi sempre atribuída uma maior responsabilidade pelos crimes cometidos por abusos de funções religiosas, precisamente por deles emanar uma força sugestiva superior à de qualquer particular.

Em direito sucessório mesmo, restringe-se a capacidade de herdar não só aos ministros de qualquer religião mas também aos médicos assistentes por se reconhecer uma mais forte força espiritual junto dos indivíduos.

Como a lei de Imprensa, contra a qual se reclama, inclui no seu artigo final o clássico e escusado preceito: «fica revogada a legislação em contrário» e como no artigo 11.º se diz que unicamente se consideram abusos de liberdade de Imprensa os crimes que enumera, inclusive, na parte aplicável, o artigo 137.º do Cód. Penal, entendo que este artigo pode deixar de ser citado na lei de Imprensa, se se disser expressamente que o artigo 137.º do Cód. Penal fica em vigor.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

Câmara Municipal de Lisboa

Vai realizar-se a feira do Parque Eduardo VII?

A Comissão Administrativa vai apreciar uma representação dos feirantes, solicitando a permissão para este ano se realizar a Feira no Parque Eduardo VII, no local onde costumava ser instalada a 4.ª Repartição (Arquitectura). Já deu a sua informação acerca do pedido.

Inquéritos e sindicâncias

Em conformidade com a resolução tomada pela Comissão Administrativa na sua última sessão, no sentido de se abreviarem os inquéritos e sindicâncias aos actos de vários empregados e a alguns serviços municipais, foram já ontem ouvidos vários funcionários que fizeram o seu depoimento.

Os vencimentos dos funcionários em atraso

Ontem novamente voltaram algumas comissões a instarem com o vogal do Pelouro das Finanças pelo pagamento dos seus vencimentos respeitantes ao mês de Junho findo, alegando que a sua situação era desesperada. Foi-lhes prometido fazer-se o pagamento hoje.

Trindade

HOJE

A 9 1/4 da noite

O HILARIANTE

PATRIOTA

comédia em 3 actos, tradução de Lino Ferreira—Encenação da professora Lucinda Simões.

No final do espectáculo exhibir-se-á o «film» cinematográfico português intitulado

O Milagre de Fátima

A propósito duma campanha de moralidade...

De J. U. U. da Costa Junior recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta a que o *Correio da Noite* se negou, contra as praxes jornalísticas, a reproduzir nas suas colunas:

Sr. director do *Correio da Noite*

Tem o seu jornal feito uma campanha miserável sobre a Assistência Pública e o seu principal funcionário, à qual pretendem agora juntar o meu nome, numa carta anónima, onde existe tudo que pôde baixar um homem e moralmente desqualifica-lo — a denúncia falsa a acusação infundada, a intriga reles, etc.

1.º — Diz ainda o *Correio da Noite*, por intermédio do seu anónimo informador, que antes de estar filiado na Esquerda Democrática, o esteve no Partido Bolchevista (2). Nunca estive filiado na Esquerda Democrática, embora isso não constituisse desonra para ninguém.

2.º — Que com mais indivíduos assista a reuniões conspiratórias, é uma denúncia miserável, que tem tanto disso como de caluniosa. Falso também.

3.º — Que sou dono da Assistência e tenho umas poucas de prisões por bombista. Se bem que ter prisões nos tempos que vão correndo, não seja coisa difícil, é falso que eu tenha sido preso.

4.º — Diz ainda o *Correio da Noite*, por intermédio do seu anónimo informador, que antes de estar filiado na Esquerda Democrática, o esteve no Partido Bolchevista (2). Nunca estive filiado na Esquerda Democrática, embora isso não constituisse desonra para ninguém.

5.º — Que tenho amantes na Assistência. É falso.

6.º — Que sou magriço do sr. dr. Gameiro e quero, com ameaças, obrigar outros funcionários a sê-lo também. Tenho-me aliado desta campanha feita por indivíduos que se escondem na sombra para ananhar, e tenho-o feito, não porque concorde com ela, mas porque os desqualificados que a fazem não o correctivo merecem. E, para que não diga que afirmo sem provas, eu que ponho o meu nome por baixo do que escrevo, aí vão os nomes dos indivíduos que em conversas de café, manifestos com nomes falsos e artigos de jornal sem assinatura, vêm fazendo a campanha difamatória a que aludo. São eles:

Vasco Marinho. Um menino louro, muito louro, que a pretexto de ser sifilizado conseguiu uma situação onde não trabalha e recebe, e vem agora morder a mão que o afagou.

Martins Alves. Este senhor trabalha por conta dum Tancredo. É funcionário da Assistência e oficial do Registo Civil no Poço do Bispo, onde tem uma agência de casamentos e baptizados religiosos.

Há ainda mais: Um sr. Moreira que teve um processo por receber dinheiro de indigentes e que tem reincidido. Um Pimenta que é digno da campanha de moralidade que a troupe vem fazendo: há dias violou uma indigente que foi à Assistência pedir qualquer coisa, e de que ele se aproveitou para continuar a sua campanha de moralidade. Há também um sr. Carvalho, chefe do pessoal, que é um dos avaros da campanha de moralidade. Este senhor dirigiu uma colónia da Providência; teve, como medida de moralidade, que ser afastado.

Há pouco tempo ainda fez no jardim da Providência uma plantação de hortaliça que vendia no mercado defronte e cujo dinheiro guardava.

Estes são funcionários. Há ainda os sr. Mário Mesquita que quer ser provedor da Assistência e Júlio Escórcio que quer ser director do Refúgio, a pesar das grandes «provas de moral» dadas quando foi governador civil um dos distritos do sul, casos a que o seu jornal se referiu.

Aqui tem, sr. director, firmado por um nome, os nomes e qualidades dos principais avaros da campanha de moralidade nas colunas do seu jornal, da qual, eu a pesar de tudo me quero ver afastado. Refiro-me só ao que de mim afirmaram, pois que não me servindo o papel de D. Quixote lutando contra sombras ou contra quem nelas se esconde, não me refiro aos pequenos ódios, venenos insuportáveis dos que sem gramática, nem verdade, dia a dia se vêm entinchando nas colunas do seu jornal para traçoamente ananhar quem se opõe às suas venalidades.

De v. etc., etc. — João Maria Marques Costa Junior.

A VENDA A 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00. A obra mais barata que no género se publica.

Pelas colónias

Angola

Com o fundamento de existirem no sul de Angola mais de 3.000 cidadãos boers, o governo da Sul Africana resolveu criar em Angola o lugar de conselheiro daquele Estado.

Sobre o assunto o governo da província dirigiu uma consulta ao Governo Central.

DESPORTOS

Futebol

Encontra-se aberta até ao próximo dia 16 a inscrição de clubes para a prova de futebol Taça de Honra instituída pela Liga Operária de Desportos Atléticos.

TIVOLI

O CORCUNDA

Film de grande espectáculo em duas jornadas extraído do romance de Paul Féval.

O JURAMENTO DE LAGARDÈRE

RIN-TIN-TIN, perseguido na neve

Comédia de aventuras com o famoso cão RIN-TIN-TIN.

UMA CINE-REVISTA e UMA FARÇA

SALVADOR BARATA, L.

Fabricantes dos Alvaídos marca «OAVOTA» e únicos depositários do

«PÓ RODRIGUES»

O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

A VENDA em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS

Ocorrências diversas

Em Reguengo Grande, concelho da Lourinhã, reside António dos Santos, 22 anos, jornalista, o qual no último domingo, acompanhado por seu primo Luís Andrade, 23 anos, trabalhador, da mesma localidade, foi de passeio ao lugar de Fontelas. Tendo ambos entrado numa locanda para jantar, pouco tempo depois de ali se encontrarem o Luís saiu rua, onde, parece que por questões antigas, se envolveu em desordem com dois indivíduos. Acudiu em seu socorro o António dos Santos, que foi então atingido por uma sacelada na cabeça que lhe fracturou o crânio. Recebidos ali os primeiros socorros, veio ontem para Lisboa, onde num auto da Cruz Vermelha foi transportado ao hospital de São José em cujo Banco foi devidamente pensado recolhendo depois à Sala de Observações.

No Banco do hospital de São José receberam curativo e recolheram a casa: António Gonçalves, 29 anos, de Lisboa, servente, morador no Cruzeiro da Ajuda, travessa dos Fornos, n.º 2, que ali, numa desordem, foi ferido com uma grande facada no torax, e Júlio de Sousa, 22 anos, empregado no comércio, residente na travessa da Boa Hora, 21, que na rua da Atalaia foi agredido na cabeça.

A Sala de Observações do Banco do hospital de São José recolheu Tomás dos Santos Plangana, 58 anos, natural e residente em Pórtio Salvo, Paço de Arcos, que foi colhido por duas pedras quando trabalhava numa pedreira de Francisco de Oliveira, no Casal da Choca, ficando com a perna esquerda fracturada.

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, João dos Santos, de 29 anos, empregado no comércio, residente na estrada de Chelas, 40, 1.º, d.º, que na rua de São Pedro Mártir, caiu de uma carroça, ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria n.º 9 do Hospital de Arroios, deu entrada Adeline Alves, de 22 anos, natural de Lisboa e residente na rua Maria Pia, 507, 2.º, que, no Arco do Cego, foi atropelada por um automóvel, ficando muito contusa no corpo.

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, sofreu ontem uma operação no estômago, pelos drs. João Pais de Vasconcelos, Bôas Gonçalves e Henriques Ruas, o jornalista Lútero Pereira Moraes, sendo satisfatório o obito no Banco do Hospital de São José, onde já chegou o cadáver, deu entrada na Morgue, um indivíduo cuja identidade se ignora, vestindo decentemente de preto e parente ter 65 anos de idade, o qual foi atropelado por um camion, na Avenida Almirante Reis.

O chafueiro local uma ambulância dos Hospitais Civis de Lisboa, cujo chafueiro pretendia transportar o ferido imediatamente ao Hospital, o que lhe foi obstado pelo polícia que ali se encontrava, sendo mais tarde o referido ferido transportado ao Hospital de São José, numa maca rodada.

A questão de Marrocos

Vai estalar novamente a insurreição?

CEUTA, 12. — A nova distribuição de tropas no Rif conduz a comandante em chefe o general Castro. Girona. O general Carrasco comandará a vanguarda.

Por outro lado, os engenheiros franceses e espanhóis resolveram construir uma grande ponte sobre o Houliouy, a fim de estabelecer uma ligação entre o protectorado francês e o espanhol.

Os Beni Khaled continuam a sua propaganda contra a submissão à Espanha, tentando arrastar consigo as tribus vizinhas.

Ecos das festas da Rainha Santa em Coimbra

A redacção do jornal «A Defesa de Coimbra» foi enviado de Sacavém um telegrama coberto por 100 assinaturas de protesto contra o insolito procedimento havido por parte das autoridades de Coimbra para com a banda de música do Tróviscal e contra o reconhecimento da personalidade jurídica da Igreja.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Curvello» são hoje expedidas malas postais para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres sendo da Caixa Geral a última tiragem de correspondência de 9 horas e por via Marsella para a Índia Portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 11,30.

AGREMIações VARIAS

Grupo de Solidariedade «Os 21 Manufactores de Calçado» — Reine hoje, pelas 21 horas, para apreciar o relatório de contas, e resolver sobre o seu estado financeiro.

Grupo Republicano do Monte Pedral — Reine hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 3516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu prego actual de 63. Aos interessados que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 p. cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*

TELEFONE N. 5474

ÀS 21 HORAS

O CORCUNDA

Dentro da obra curiosa e singular de Paul Féval, entre as figuras erodidas por aquela imaginação mista ferte que a Dumas pai destaca esse senhor de Lagardère, espadachim valentíssimo e generoso que pôde ser considerado como o «Artagnan» do tempo da Regência. A par dessa figura e da do seu rival, o senhor de Nevers, circula uma multidão variada e pitoresca que vive na letra e que, agora, realiza no cinema nos preceitos de interesse sem remissão. A realização da época é luxuosa e apropriada e todos os lances marcantes do romance foram realizados. Lagardère, o seu diáspora de corcunda interessará a novos e velhos.

Do estatuto confederal

CAPÍTULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a bandeira da autonomia, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarido e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com os Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

TEATRO AVENIDA

HOJE, ÀS 21.30

A SENSACIONAL PEÇA

O Dr. da Mula Ruça

12 números de música 12

Orquestra Jazz-Band

'A Batalha' na província e arredores

Lagos

O ditador do lixo

LAGOS, 8. — Tomou posse a nova Comissão Administrativa da Câmara Municipal composta: dum coronel, um tenente, um ex-empregado municipal e um funcionário dos Armazéns Gerais.

Desta verificação devia também fazer parte um vereador que foi demitido, prontificando-se assim a traír os compromissos tomados, revelando deste modo que acima de tudo estava o seu desejo de ser vereador à força. Este indivíduo que é tenebroso, sendo conhecido pelo apodo do «Santos da Mercaria» tinha na verificação cessante a seu cargo o pelouro da limpeza. Durante o tempo em que foi vereador a rua do Saco estava sempre asseada, por ser a rua onde ele morava.

O resto da cidade, incluindo os seus pontos centrais, esteve sempre num grande estado de imundície. O lixo chegava a constituir enormes montureiras, com grave risco da saúde e da vida da população.

Este indivíduo quem pretende outra vez estabelecer a ditadura do lixo — à excepção da sua rua que ele quer ver sempre asseada, visto que o resto da cidade não tem para ele a menor importância.

Evora

Um prédio em ruínas — Novo organismo operário

EVORA, 9. — Não sabemos já, ao certo, desde quando se encontra em ruínas um prédio que faz esquina com as ruas dos Castelos e Fria, desta cidade, e do qual já aqui falámos, mas julgamos não errar se afirmarmos que há já mais dum ano.

Há tempos a Câmara mandou escorá-lo, e afixou edital avisando o proprietário a reedificar o prédio, e até à data, nem o proprietário — parece não se interessar pelo prédio, tal o estado em que ele se encontra — nem a Câmara mandaram ainda fazer a reconstrução, constituindo as ruínas do prédio, um perigo iminente para quem tem a necessidade de por ali passar.

Já nos lembrámos que, talvez, o Grupo Pró-Evora o decretasse monumento nacional. E se assim é não nos assiste razão para protestar, antes nos cumpre indicá-lo aos visitantes de Évora.

Está já organizado em Évora um núcleo de gráficos, que há já bastante tempo se encontrava desorganizado. — C.

Alhos Vedros

Mau serviço dos correios

ALHOS VEDROS, 9. — Nesta terra, já bastante industrial e comercial, é com trabalhosos esforços que se consegue adquirir uma estampilha. Raro é que se não tenha de ir ao Barreiro e à Moita, sem melhor resultado. E por não haver quem venda uma estampilha, não é possível responder-se com urgência nem se pôde, também, evitar atrasos na correspondência.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rucker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

N.º 755

PREJUÍZOS MORAIS E SOCIAIS DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA E VANTAGENS DO ENSINO LAICO

Estamos numa época de singulares transformações, que por completo atingiram não apenas o sábio, o filósofo, o psicólogo, mas a multidão, o fundo mesmo das sociedades, ligadas entre si por um novo e cada vez mais livre e mais perfeito ideal humano. Deste modo, como poderia o professor do nosso século ficar alheio a esse movimento avassalador e eletrizante, sem por ele ser arrebatado e esquecido, como objecto inútil?

O professor moderno, com efeito, já não é esse magister durus, esse pedagogo rígido e severo que rezava em latim, é certo, mas ignorava leis e princípios naturais, não sabendo criar nos espíritos a ansiosa, irresistível curiosidade de saber que agita todo o mundo moderno. Esse rotineiro da fórmula escolástica e do dogma católico, que era, ao mesmo tempo, pedagogo e cura de almas, atravessando os campos e as aldeias com o hissope num bôbo e no outro a palmaria, esse morreu de vez.

No conflito entre a teologia e a ciência quebrou-se-lhe uma das armas, secou-se-lhe uma das fontes e hoje o padre apenas rezava missas e confessava devotas. Se ele foi útil, hoje, o espírito do século, a ciência experimental, marcou-lhe de tal modo o seu lugar, que já deixou de ser uma força a aproveitar para ser um obstáculo a remover.

Os povos também assim o compreenderam e o fizeram sentir, ora subtraindo os filhos à sua catequese, ora aplaudindo e confortando aqueles que do seu lar ou do seu burgo o repelleram, como elemento estranho. Qual a razão do facto? Intolerância? Falta de educação moral? De modo algum. Isso acontece porque a sociedade se converteu, há muito, que de um lado estão as suas conveniências, o seu futuro, o seu progresso e do outro os mesquinhos interesses de Roma e dos teólogos. E daí a importância que ela está dando ao professor e ao abandono, o esquecimento a que lançou o padre. Entre o primeiro e o segundo há, com efeito, uma grande distância. E assim tinha que ser.

Nesta época de afirmações concretas e de realizações práticas, um elimina o outro; a acção deste é a negativa da acção daquele. Daí também o empenho que a Igreja tem, nos momentos de crise, em que se observe a neutralidade do ensino.

Não tendo força para lançar a sua rede, pretende que nós recolhamos a nossa. Não podendo forçar a haste que vai crescendo em ramos e em flores, exige que nós lhe não toquemos; que lhe não façamos uma sebe de abrigo, se o vento a acotiar; que a não podemos, para a libertar dos rebentos daninhos, deixando-a assim desamparada e à mercê do primeiro que queira inclinar a para colher-lhe o fruto, que para nós deve ser vedado, como o da árvore do mal.

Ensinar sem comentar; expor sem tirar deducções; deixar passar o erro e nada dizer à mocidade. E chama-se a isto ser neutro em matéria de ensino! Como se fosse possível ensinar sem emitir opiniões!

Não! Se na minha aula o trecho lido ou a lição marcada se presta a dúvidas sobre qualquer ponto doutrinal, eu tenho que explicar, que esclarecer. Se um aluno, lendo um autor que descreva o céu, aponta para cima, e, falando do inferno, indica o soalho, a significar que fica para baixo, eu tenho que intervir, demonstrando que o seu gesto é absurdo, visto que perante a imensidão dos espaços não há para baixo nem para cima.

Se alguém, dentro da minha aula, falar por exemplo, em ressurreição de mortos, a minha intervenção é ainda necessária, afirmando que não há, nunca houve quem ressuscitasse mortos.

Se no âmbito da classe ouvir dizer que um grave no espaço deixou de cair, segundo as leis físicas, o meu dever é ainda e sempre sustentar, afirmar o poder da natureza que não admite suspensões, temporárias embora, das propriedades dos corpos. Não sendo um burlão, assiste-me o inclinado, de ver demonstrar que a suspensão de leis naturais não se constatou nunca em presença de quem as pudesse compreender e discutir, scientificamente.

E sendo assim, a neutralidade não traria consigo a negação da obra positiva, reconstrutiva do Estado? Não seria a morte da Escola emancipadora e emancipada?

Não tenha sobre tal caso a menor dúvida. Dessa neutralidade adviria uma grave injustiça, ficando o Estado privado de um direito de que nunca foi privada a Igreja: o de realizar, em público, nos seus estabelecimentos, a obra educativa e científica que a sociedade exige, para que o progresso não seja uma ficção. Fiquem, portanto a Igreja com os templos para catequização pública dos seus dogmas e dos seus absurdos científicos, mas deixe-nos o ensino da ciência e das verdades reconhecidas, e a liberdade de o fazermos nas nossas Escolas, mais pobres, mais modestas e até, muitas vezes, de mais difícil acesso que as Igrejas. Quando o pregador católico atacar a obra do Estado, e quantas vezes o tem feito?—onde e como poderemos responder-lhe? Na Igreja? Não, porque Roma não consente. Não, porque o espírito intolerante dos devotos daria o apedrejamento de aquele que tal ousasse.

Circular, então, o erro livremente? Ficaremos inibidos de produzir a nossa desconfiança, de defendermos o nosso nome, a nossa inteligência, o nosso património, a nossa honra, em público, escarnecidos e ultrajados? Não poderemos comparecer perante a opinião pública para restabelecer a verdade?

Seria absurdo e irrisório. Basta o que a reacção de todos os tempos e em todos os lugares tem praticado: ensinar, pregar, mentir livremente do alto de todos os púlpitos e de todas as cátedras.

Ah! agora que nós começávamos a ter esperanças de conseguir igual direito para a constatação de verdades largamente demonstradas, é que pretendem iludir-nos e humilhar-nos, obrigando-nos a guardar o silêncio respeitoso que eles nunca souberam nem quizeram guardar...

Não! Está ainda de pé a obra iníqua de muitos séculos de depressão moral e mental que o clericalismo, a superstição religiosa erguem em frente da consciência humana. Precisamos, portanto, derrubar a sobre os seus destroços erguer a nova construção, ou seja a nova sociedade, mais livre e mais consciente, mais activa e mais nobre.

Para isso uma única coisa bastará: emancipar a Escola, fazendo com que lá dentro a verdade triunfe. Por outras palavras: é necessário e urgente laicizar o ensino.

Não falemos mais, portanto, na tal neutralidade, que é um termo capcioso e absurdo.

A questão da escola laica, ou mais particularmente, da moral laica, atingiu tal importância que a ninguém é lícito ignorá-la, nem manter-se na indiferença perante este conflito entre dois mundos, como lhe chamou Belot.

Esses dois mundos, constituídos por confessionais e laicos, travam, na verdade, uma batalha que, embora de princípios, será definitiva para um deles, que marcará no futuro dos povos e das raças.

Que pretendem, que afirmam, os partidários do primeiro?

Que o ensino religioso ou confessional é o único digno de ser ministrado a todas as criaturas, qualquer que seja a sua idade, o seu país e a sua raça.

Para os segundos, porém, só o ensino laico ou racional poderá realizar a pacificação e o progresso, visto ser ele o único que, fundando-se na observância das leis naturais, saberá respeitar a individualidade humana, evitando assim a deformação da espécie.

Os confessionais insistem: «A nossa moral é superior à moral laica».

Os racionalistas objectam: «E porquê? Em que lhe é ela superior?»

Respondem: «É superior em qualidade. O seu fim, o seu ideal é mais elevado».

Pergunta-se-lhes: «Mas elevado porquê? Porque reside no infinito?»

Sendo assim, está fechada toda a discussão, visto que não afirmam para um campo onde não podemos ir.

Se, porém, o fim último da moral religiosa é a perfeição da criatura, a generalidade da virtude e do dever, perguntemos ainda: «É essa perfeição quem a transmite: os princípios ou os agentes divinos?»

Sendo estes, novamente se encerra a discussão, visto Deus e os seus agentes infinitos estarem igualmente fora do alcance dos sentidos.

Residindo, porém, essa superioridade na doutrina que cada um dos sistemas defende, o caso é outro.

O princípio básico da moral religiosa, especialmente da cristã, é «Amar a Deus sobre todas as coisas».

Por sua vez a moral laica diz-nos: «A Verdade é um bem comum: ama-a e enriquece-a, porque só ela pode tornar os homens livres e perfeitos».

Onde está aqui a superioridade? Nos que amam a Deus, ou nos que amam a Verdade? Mas, para os confessionais, Deus é a Verdade. Logo, confessionais e não confessionais têm o mesmo objectivo: conduzir os homens à Verdade.

Tudo se harmonizaria se os racionalistas quizessem afirmar que Deus, para eles, era a Verdade.

Assim ficaria: fórmula confessional—«Deus é a única Verdade digna de ser amada».

Fórmula racionalista—«A Verdade é o único Deus digno de ser amado».

Como, porém, o termo Deus é o pomo de discórdia, visto que para os confessionais ele é, não uma ideia abstracta mas uma entidade real, um agente—impossível se torna qualquer conciliação.

Uma das qualidades que caracterizam a acção confessional é a pertinácia que leva os seus adeptos a formular as mais estranhas e audaciosas proposições, dando margem a esse heroísmo de afirmar que, na frase dum grande escritor nosso, consegue criar, através da universal ilusão, as religiões e os deuses.

Por isso insistem: «Uma moral independente de toda a fé dogmática é uma moral relativa, sujeita por conseguinte à discussão e à negação».

E acrescentam: «Moral sem dogma é moral sem eficácia. Falta-lhe o elemento principal, que a impõe à aceitação do público».

Estes dois argumentos, que se reduzem a um só, não resistem à mais simples análise. Basta, para os pulverizar, resumir qualquer página dos muitos tratados que a teologia escreveu sobre a origem, progresso e decadência das instituições religiosas. Do seu estudo se constata não apenas a relatividade e contingência da moral religiosa, mas ainda o seu fracasso e impotência, quando procura levar os homens à prática dum vida progressiva e venturosa.

Além disso, que moral tem sido mais atacada no mundo que a moral cristã, e em especial a católica?

Podem dizer-nos que só nos primeiros tempos do cristianismo e no século XVIII é que esses ataques avultaram, generalizando-se a todos os centros cultos.

Evidentemente, foi atacada no princípio, porque lhe faltava ainda autoridade e força; e se o mesmo lhe aconteceu mais tarde, foi porque o seu insucesso, muitas vezes repetido, deu lugar à formação de correntes de opinião mais fortes, como no tempo da Revolução Francesa, que, acima das religiões e dos deuses, fez proclamar os Direitos do Homem.

No intervalo que vai de Constantino a 1789, é certo que a moral cristã dominou, quase sózinha, as sociedades que o mundo romano lhe legara. Mas, dominou-as como?

Pela cultura intelectual, como fizeram os gregos? Pela rigorosa observância dos preceitos legais e deveres cívicos, como sucedia entre os romanos?

Não. Dominou-as pelo terror, pela superstição e pelo desenvolvimento progressivo da ignorância.

Dominou-as destruindo-as, ou fazendo-as regressar à animalidade, à inconsciência, apagando nelas todos os sentimentos de independência e liberdade.

A descrição das suas violências, das suas opressões, dos seus autos e fogueiras, enche a História de páginas sangrentas, e, por isso, não vale a pena insistirmos no valor dos argumentos aduzidos.

Quanto ao dizer-se que a moral sem dogma falta o elemento que a impõe à aceitação do público, compreendemos unicamente arredar, por insensato, o pretensão argumentada, visto tratar-se duma imposição que vai de encontro ao sentimento humano, repugnante

dor por isso, a todo o espírito normalmente formado. Isso, ou então, pelo menos, exigir que se acrescente o termo—público, o adjectivo—branco ou mentecápio.

Como, porém, se não trata da moral para espíritos brancos ou mentecápios, mas da moral social, da moral para todos, o argumento por si próprio se desfaz.

Bem sabemos que a afirmação, várias vezes lançada, de que a «moral racionalista é uma moral aristocrática, própria unicamente para a «élite intelectual», tem feito carreira.

Se nisso os confessionais têm algum prazer, os laicos aceitam a afirmação, que só nobilita a moral que defendem.

Com efeito, se ela serve os espíritos cultos, para a aristocracia, é porque se trata dum moral superior e, por conseguinte, mais perfeita que qualquer outra, cristã, bramânica, islâmica, judaica, etc.

Mas a moral laica não é preferida apenas pelos espíritos cultos: é o também por grande parte do vulgo, especialmente pelas massas operárias dos grandes centros.

Assim, é certo que a moral laica, o ensino racionalista, podem ser aceites e praticados com vantagem por A, B, C... Se podem ser aceites por um, dez, vinte, podem sê-lo também por mil ou um milhão isto é, pelas colectividades, que por sua vez formam as sociedades e as nações.

Mas a moral laica é superior à confessional. E senão vejamos.

A moral religiosa tira o seu efeito, principalmente, da sanção ou castigo que lhe anda inerente.

«Prática o bem e Deus te recompensará no céu», ensina ela.

A moral laica, pelo contrário, impõe-se pelo natural desenvolvimento da razão e tem o seu fundamento no dever cumprido, na prática dos bons actos e condenação dos maus—não apenas porque a prática contrária possa torná-los maus aos olhos do mundo, mas sobretudo porque tais actos lhe dão satisfação e alegria.

Assim, para o confessional o acto é mau porque desagrada a Deus; para o racionalista o acto será mau—em primeiro lugar porque lhe desagrada a ele, em segundo lugar porque desagrada aos homens, que com ele sofrerão.

O primeiro não incendia nem mata, apenas porque pode ir para o Inferno. O segundo abstem-se da prática desses actos nefandos—não só porque vão de encontro à moral social, mas sobretudo por que tais actos visceralmente lhe repugnam.

Resumindo, temos que a moral religiosa, cuja finalidade reside no infinito, opera, sobretudo, pelo receio dum castigo post mortem.

Pelo contrário, a moral laica, cujo fim primeiro e último reside na própria humanidade, opera, não coagida pelo terror de quaisquer punições, mas unicamente para dar satisfação à consciência, que criou a necessidade imperiosa de praticar o bem.

E a moral da Razão, tão combatida pelas religiões e, da qual, ainda há pouco, muitos espíritos esclarecidos duvidavam.

«Eu não duvido dessa possibilidade», escreveu, por fim, Charles Oide.

E acrescentou—*Il le faut*.

Sim, é preciso.

A moral popular, toda a moral, só será verdadeiramente digna deste nome quando a virtude fundada sobre a Razão e o sentimento dela proveniente.

O ensino constituirá sempre, nas escolas públicas, um dos meios de que o Estado tem de lançar mão para educar os cidadãos, levando-os à prática das virtudes morais e cívicas.

Mas, sendo os organismos do Estado neutros em matéria religiosa, como há de eles ministrarem o seu ensino, especialmente o da moral, tão necessário a todas as classes, senão pondo de lado as confissões religiosas?

E fica então um só caminho, aberto a todo o mundo e largo bastante para que todos caibam—o da moral positiva.

Podem alegar-nos que, mantendo-se o Estado alheio às confissões religiosas, alheio deve também manter-se em relação à moral pública.

Não, porque o Estado, embora alheio a essas confissões, tem contudo a sua moral. Mais ainda o Estado sendo, como é, responsável pela conduta social que depende principalmente da orientação que se der ao ensino, de que a moral faz parte, não poderia exercer cabalmente a sua acção, pondo de lado esse instrumento, que será sempre, enquanto houver países e raças que se degradam, à força dominante, o principal agente da vitória.

Todas as vezes que um Estado abdica do ensino, abdica igualmente da sua liberdade. Renunciando a ser orientador e educador, não admira que em seguida dependa daqueles a quem foi confiado o ensino.

Citemos o exemplo dos egípcios, que caíram no embrutecimento da mais vergonhosa ignorância, na altura em que o poder religioso se apossou do direito de ensinar os homens. O mesmo aconteceu na Grécia e em Roma: desde que o ensino passou das mãos dos filósofos para as dos sacerdotes, o génio da raça desapareceu, a decadência é repentina.

Devendo o Estado ser, por conseguinte, o orientador da cultura geral dos cidadãos, a ele compete a administração, ou, pelo menos, a fiscalização de todo o ensino.

Pode e deve manter-se alheio a tudo quanto diga respeito ao foro íntimo de cada um; o mesmo não poderá fazer tratando-se da sua conduta moral, na vida pública, porquanto essa pode afectar a conduta geral, prejudicando não só os interesses da nação, mas ainda o futuro da raça.

Ao encontro da moral laica vêm também aqueles que pretendem demonstrar a sua inferioridade... Como se ela já, alguma vez, tivesse a livre acção da sua força! Porque, até hoje, todo o poder e toda a astúcia das confissões religiosas têm sido encaminhados, principalmente, no sentido de embaraçar e desonrar a escola laica.

Para tal objectivo conseguem todos os meios e processos lhes parecem legítimos, desde a força ao fusilamento, desde o presídio ao exílio, desde o confisco à calúnia mais torpe.

De resto, não é com a fé e com a propaganda dum ou de duas gerações que se funda e se põe em prática um sistema moral. Para isso é necessário o concurso de muitos e variados agentes, directos e indirectos. E necessário o tempo e o espaço.

Que não conseguimos ainda, dizem os adversários do laicismo, constituir os organismos necessários para desenvolver os hábitos, as tendências de espírito que a moral requer para que a opinião pública possa dar-lhe o seu assentimento.

Por culpa nossa? Não. Por culpa das confissões religiosas que vêm na prática do laicismo o fim do seu domínio sobre as consciências.

A-pesar-disso, a ideia laica prossegue o seu caminho, sendo hoje não só a fórmula suprema da Razão, como também a segurança máxima do Estado, a garantia maior da liberdade humana.

Mas que pouco fizéssemos! Quando e onde é que as religiões conseguiram erguer-se sem que primeiro, sobre elas, a fiera do tempo descesse as décadas, as centúrias e os milénios, com todo esse cortejo de vicissitudes e de esperanças, de convulsões e de progressos?

O sucesso das religiões, assim como o da sua pretensa moral, é sempre a resultante dum secular esforço, realizado em condições verdadeiramente excepcionais, a que, em geral, não faltam as maiores regalias nem os mais estranhos privilégios que os Estados, seus adeptos enfim, acabem por lhes conceder.

A-pesar-disso, e não obstante a confissão poder dispor de todas as forças políticas e espirituais, a acção é muito limitada, só se tornando eficaz quando a contestação e a livre crítica são de todo afastadas, para não embaraçar a excelência da doutrina vitoriosa.

A observação, portanto, dos que pretendem, baseados no tempo, verificar a falência da moral laica, falta a verdade, primeiro, e depois a boa fé.

Insistir, pois, numa tal afirmativa é, pelo menos, querer impedir as tentativas de melhoria social.

Falamos acima na pretensa moral das confissões religiosas. E' bom não argumentarmos com palavras, mas com factos.

Deixemos a outros a glória de pretendem convencer à força de verbalismo, muitas vezes sem nexo, vazio de sentido quasi sempre, mas verbalismo espiritual, embaudo e transcendente!

A eles o som, a nós o facto.

Ora o facto diz-nos que, quando os deuses falaram e pretendem divulgar princípios religiosos ou morais, esses princípios são, há muito, perenidade da sociedade.

As doutrinas de Manu, de Buda, de Moisés, não são mais que a consagração de velhos preceitos e regras tirados da tradição e existentes há muito na consciência dos melhores.

Os fundadores do cristianismo afirmam, sem dúvida, coisas interessantes e formosas.

Simplemente elas aparecem já nos trabalhos dos escritores pagãos, e em especial nos da escola de Alexandria. As suas palavras, provocadas pela ansiedade de melhores dias, são, no fundo, o resultado da moral colectiva. Andam no ar, ou antes, pairam sobre as consciências hesitantes, que as aceitam logo que uma voz comece a insinuar-se, e criar confiança.

Essa voz, a princípio anónima e sem eco, a breve trecho passará a ser a voz de Deus. As leis sobre a organização da família, o respeito pela vida, não fazem parte, a princípio, do programa cristão. Pois bem: é obrigado a aceitá-las, porque a sociedade lho impõe.

Com efeito, a religião não pode ser, em verdade, nunca foi, a determinante mesmo de qualquer legislação moral. Esse facto é sempre a resultante de outros meios ou agentes que o determinam, ou pela reflexão, ou intuitivamente.

E são provenientes: 1.º da sua faculdade de ordenar, da sua necessidade de clareza e perfeição; 2.º do seu conhecimento mais ou menos preciso, mais ou menos lúcido das condições da vida e dos efeitos da sua conduta, isto é, da sua experiência.

Assim se confirma a dupla tese de que partimos. O que nos é necessário, e que a moral laica exige para desempenhar o seu papel pedagógico, não é um disfarce ou uma imitação, mais ou menos engenhosa das antigas disciplinas, mas uma transfiguração inspirada em princípios verdadeiramente novos, uma criação orgânica, em harmonia com o racionalismo crítico e a democracia social que, solidariamente, dominam a vida contemporânea.

«Não é obra dum dia nem dum homem e os que nos censuram de não termos, com um golpe de vara mágica ou aresto ministerial, constituído uma pedagogia moral eficaz, quando os seus antepassados levaram, eles próprios, mais de 15 séculos para conseguirem uma, desconhecem a natureza do problema. Compreende-se por isso que nós não possamos pretender fazer aqui mais do que por bem e por questão...»

«Não recamos reconhecer as virtudes que a educação tenha, por ventura, possuído, mas temos confiança na eficácia da moral laica, desde que ela saiba penetrar-se, resolutamente, dum espírito novo em que a consciência moderna possa verdadeiramente reconhecer-se. Então, com efeito, todas as forças psíquicas e sociais, vivas, lhe prestarão apoio, sem que haja mesmo necessidade de se fazer um apelo. Como a educação será adaptada ao meio e traduzirá as inspirações mais profundas e poderosas, ela preparará directamente a criança para a sua função de homem, não por uma acção puramente exterior, mas por uma disciplina do pensamento e do carácter. Adquirirá assim a autoridade que advém dos serviços prestados, desde que a educação tradicional, permanecendo, sob certos aspectos, ao lado da vida real, lhe fique por outro lado inútil, ao mesmo tempo que deixe uma boa parte sem preparação.

«Então—e este é um ponto essencial, por ser condição fundamental da eficácia da acção educativa—o educador laico, assim orientado, poderá possuir uma fé tão ardente e tão comunicativa como pode sê-lo a fé religiosa. Não sentirá um doloroso conflito entre a educação que deve administrar e o que ele próprio recebe da sua verdadeiro objecto, a moral laica.»

A indústria do mobiliário em Argentina sofre uma crise aguda

O Sindicato do Mobiliário de Buenos Aires enviou às organizações sindicais e imprensa operária de todo o mundo, uma circular denunciando a excepcional gravidade da crise que, actualmente, atravessa a indústria do mobiliário na República Argentina. Essa circular vem redigida em idiomas—castelhano, inglês, francês, alemão, italiano e hebraico—o que representa um formidável esforço. Para conhecimento do operariado da indústria do mobiliário em Portugal, e por ser de grande interesse noticioso, reproduzimos essa circular nas nossas colunas.

Aos trabalhadores em madeira de todo o mundo

«O Sindicato dos Operários da Indústria do Mobiliário cumpre o seu dever, informando todos os trabalhadores do mundo, que exercem a sua actividade nesta indústria, da crítica situação existente na República Argentina.

A super-abundância de braços é tão notória que já constitui um inesquecível triunfo encontrar trabalho.

A campanha que o capitalismo internacional está desenvolvendo, com o fito de intensificar a emigração para este país, é abominável; com essa ela, pretende o capitalismo colher a boa fé dos trabalhadores, os quais, para conseguir o diário sustento se vêem forçados a abandonar as suas terras, e, afinal, ao chegarem à Argentina, sentem-se obrigados a recorrer à caridade pública, ou a internar-se nos campos, onde a falta de recursos os leva a sofrer as intempéries!»

O nosso propósito é advertir os trabalhadores da situação criada pela crise de trabalho, sem que nos anime o egoísmo, porém, movidos por um elevado espírito de classe.

Desejamos evitar que a numerosa imigração sofra fome que seria, por consequência, uma desastrosa desilusão. Desejamos, também, destruir os planos sinistros do capitalismo, o qual, aproveitando-se da enorme concorrência de trabalhadores neste país, procura diminuir os salários e anular várias regalias que muitos sacrifícios custaram às organizações sindicais.

Só nos resta, depois de ter feito conhecer sucintamente a situação crítica que ao operariado argentino vem a imigração impor, solicitar de todas as organizações operárias do mundo, especialmente, às da indústria do mobiliário, e, ao mesmo tempo, à imprensa operária, a larga divulgação de esta circular e, também, a sua transcrição. Saudações fraternais.—A Comissão Administrativa do Sindicato dos Operários da Indústria do Mobiliário de Buenos Aires.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

INTERESSES DE CLASSE

O operariado de Beja deve organizar-se sindicalmente

Existiram em Beja, com vida própria, os seguintes organismos operários: rurais, construção civil, fabricantes de calçado, metalúrgicos, gráficos e ainda uma união local e um núcleo de juventude sindicalista.

Desde há tempos, porém, que os operários têm abandonado os seus sindicatos, passando a não cuidar dos seus interesses de classe e, os seus particulares interesses. Os sindicatos passaram a ter uma vida artificial, e mesmo esta só a conseguem os sindicatos de rurais e fabricantes de calçado.

O operariado de Beja deve organizar-se sindicalmente, pois a sua inacção ameaça as suas deficientíssimas regalias. Torna-se, pois, necessário que cada sindicato seja um forte baluarte de defesa económica e social do trabalhador, e este trabalho tem de ser executado com urgência, dado que estas questões não podem delongar-se.—P. G. C.

experiência, na idade adulta. Terá também, na obra a realizar, um fim positivo, um fim bastante próximo e preciso para escapar às dúvidas e muito alto e largo para merecer o seu esforço.

«Esta fé prática e activa contestam-lha os seus adversários, porque concebem a escola laica reduzida a uma neutralidade inteiramente negativa, dentro da qual se esforçam por contê-la, ao mesmo tempo que a censuram.

«Mas a escola laica, em todos os seus graus, não está condenada a ser como se tem dito, a escola nula; se o fosse, não se explicaria a paixão dos seus defensores.

«Esta repousa precisamente sobre os dois princípios pelos quais nós temos defendido o espírito dos novos tempos, que ela, na verdade, representa. Porque, ensinando por um lado o culto da verdade e o respeito da Razão na liberdade—não dum razão fictícia e dogmática, que não seria mais que um resíduo de tradições elementares, mas desta razão viva, activa e laboriosa que, apoiada na experiência, comanda ao mesmo tempo a inexorável sinceridade e a modestia do pensamento—se por um lado assim procede, por outro representa e pratica esta fraternidade que, por cima de fronteiras, de classes, de seitas e de religiões que dividem, une as crianças dum mesmo país no mesmo espírito de justiça e cooperação sociais.

«Tais princípios são, perfeitamente positivos nos dois sentidos da palavra e capazes, por conseguinte, de inspirar o ao educador a fé acionadora que mais de uma vez tem feito sentir a sua força aqueles que a contestam. Uma obra de pura destruição não saberia, com efeito, inspirar dedicação alguma. Mas achamo-nos em frente, e bem em frente, dum obra de construção, ao mesmo tempo espiritual e social, que está em marcha.

«E sobre esta convicção bem fundada que repousará, em definitiva, a eficácia do que se chama, servindo-nos dum palavra bem insuficiente e desigual, em relação ao seu verdadeiro objecto, a moral laica.»

Vida Sindical

C. G. T. Conselho Confederal

Para continuação dos trabalhos reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho confederal.

COMUNICAÇÕES

Carpinteiros Navais—Foram nomeados, em assembleia geral, para a comissão administrativa e revisora de contas, João M. de Azevedo, Joaquim Vieira, Francisco Duarte, António A. Abade.

S. U. da Construção Civil—Secção do Alto do Pinheiro—Devido à suspensão de garantias fica adiada a assembleia geral que hoje se devia efectuar.

Operários Alfaiates—Reuniu a direcção que tratou de apreciar vários expedientes a que deu o devido destino.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

S. U. da Construção Civil.—Comitê da Sede.—Para assunto urgente, pelas 20 horas.

S. U. Mobiliário.—Pelas 21 horas, para um assunto urgente, o comitê da sede.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.—O conselho federal, às 21 horas.

DIAS PROXIMOS:

Federação da Construção Civil—Reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Federal; dada importância dos assuntos a tratar é indispensável a comparencia de todos os delegados.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Corticeiros de Alhos Vedros—Reuniu-se ultimamente esta classe, resolvendo-se, depois de apreciar a circular da C. G. T., dar o seu apoio a qualquer movimento de carácter nacional, e protestar contra a sentença que impende sobre Sacco e Vanzetti.

JUVENITUDES SINDICALISTAS